



Jul/Ago 80



**O que crêem os
Adventistas
sobre a Parusia**

—Ho Sava Lima



Jul/Ago 80
Ano 46
Número 4

De Coração a Coração

O Povo de Deus é um no Espírito 3

O Lar do Pastor

Ponha o Casamento em
sua Lista de Coisas a Serem Examinadas 4

As Finanças do Lar 8

Teologia

Unicamente Cristo 11

O que Crêem os
Adventistas Sobre a "Parusia" 17

Em que Sentido a
Teologia da Libertação Caiu em Erro? 20

Obra Pastoral

Pastorados de Curta Duração 23

Gerente Geral:
Wilson Sarli

Redator-Chefe:
Rubens S. Lessa
Redator:
Naor G. Conrado

Diretor:
Arthur S. Valle

Colaborador Especial:
Daniel Belvedere

Colaboradores:
Enoch de Oliveira
José C. Bessa
Alcides Campolongo
Pável Moura

Direção de Arte:
Erlo G. Köhler
Wilson F. de Almeida

Diagramação:
Paulo S. Gusmão

Assinatura anual:
Cr\$ 180,00
US\$ 4,00

Edição bimestralmente
pela Casa Publicadora
Brasileira, Av. Pereira
Barreto, 42 —
09000 - Santo André,
São Paulo.

Esta revista achá-se
registrada na DCDP do
DPF sob nº 899 — P.209/73

Todo artigo ou qualquer
correspondência
para a revista
O Ministério Adventista,
devem ser enviados para
o seguinte endereço:
760 Ponce de Leon
Boulevard, Coral Gables,
Florida 33134 U.S.A.

O Povo de Deus É um no Espírito

Para que a Igreja cumpra sua transcendente missão mundial de proclamar as boas-novas da salvação por meio de Cristo, é imprescindível que ela se mantenha inalteravelmente empenhada no cumprimento da memorável oração de Cristo em favor da unidade, relatada em S. João 17. Uma Igreja unida num mundo dividido é mais do que um eufemismo teológico. É uma manifestação positiva e vivificante da decisão da Igreja de não se deixar influenciar pelas pressões divisórias de uma sociedade em rápida desintegração. A oração de Cristo constitui uma ardente e sincera súplica de solidariedade e unidade cristã.

A índole peculiar da igreja remanescente é sua capacidade para manter a solidariedade espiritual, doutrinária e administrativa. Em virtude de sua missão mundial, a Igreja enfrenta constantemente um desconcertante acervo de questões, ideologias e problemas complexos.

O conjunto de membros da Igreja ASD, em rápida expansão, consiste de uma diversidade de pessoas de diferentes raças, formações culturais, qualificações intelectuais, filiações sócio-políticas e condições econômicas. Esses crentes são içados do turbulento mar internacional de países desenvolvidos e subdesenvolvidos e de instáveis regiões do terceiro mundo que clamam por justiça social e maior participação na riqueza e no poder mundiais. Em meio de todas essas divergências, estratégias e tensões desconcertantes, Deus está aperfeiçoando um povo cuja solidariedade teológica, espiritual e administrativa impressiona o mundo. Os cristãos ASD provêm de diversas formações políticas, étnicas, nacionais, culturais e sociais; contudo, pela graça de Deus, continuam sendo uma agremiação indissolúvel e coesa. Participamos de uma herança espiritual comum, de uma cidadania comum no reino de Deus, de uma comunhão comum em Cristo, de uma missão comum para com o mundo, de uma esperança comum e de um destino comum.

A Tríplice Unidade da Igreja ASD

A Igreja ASD tem a obrigação espiritual e moral de preservar a tríplice

Jorge W. Brown
Secretário de
Campo da
Divisão
Interamericana

**De Coração
a Coração**

unidade pela qual tem sido identificada no decorrer de toda a sua história.

1. *Unidade de Crença.* O triunfo final do adventismo depende essencialmente de nossa preservação da singular mensagem de Apocalipse 14 para os últimos dias, a qual nos foi confiada solenemente. Aí se acha incorporada a totalidade do evangelho redentor que a Igreja deve crer, aceitar, preservar e proclamar com unidade e poder. O inabalável sistema de verdade desenvolvido pelo estudo das Escrituras e pela orientação da palavra profética deve permanecer intato. Devemos defender harmoniosamente a "fé que uma vez foi dada aos santos". Não deve haver divergência de interpretação, desvios do evangelho, acomodações das reivindicações de Deus a nosso respeito, modificações das normas da Igreja por mera conveniência. O Espírito de Profecia, da maneira como se manifestou na vida e nas obras de Ellen G. White, deve continuar sendo a autêntica revelação final de Deus à Igreja nestes últimos dias. É desígnio de Deus que tanto os membros como os obreiros permaneçam unidos na fé e na prática.

2. *Unidade de Propósito.* A Igreja Adventista, como outras denominações do passado, pode fossilizar-se e tornar-se improdutiva, caso consinta em ser vítima da esterilidade da institucionalização. Deus ordenou que a Igreja fosse um contínuo caudal de evangelismo vivificante. Este dinâmico caudal evangelístico deve ser uma fonte de poder redentor que envolva o mundo todo e prepare um povo para o reino de Deus. Todo aspecto da Igreja Adventista deve ser reconhecido como vivo e dinâmico instrumento de evangelismo. A Igreja, como indivíduos e como coletividade de homens e mulheres redimidos, tem um encargo definido, inequívoco e mundial, segundo se acha relatado em S. Mateus 28:19 e 20; S. Marcos 16:14 e Apocalipse 14:6-12. Todo membro de igreja, toda Associação local, toda União e toda Divisão no vasto campo mundial constitui uma parte integrante e correlata do adventismo mundial.

3. *Unidade de Relacionamento.* O terceiro elemento da tríplice unidade

dos adventistas é a unidade de relacionamento. Esta unidade inseparável entre os crentes é essencial para o cumprimento de nossa grande missão. Como povo unido e preservado pelo poder coesivo do sangue de Cristo, podemos permanecer insensíveis às divergências políticas, culturais, étnicas e outras mais, que podem ser usadas para dividir e romper o harmonioso progresso da Igreja.

Em Efésios 2:19 e 20, o apóstolo Paulo emprega três simbolismos primorosos. O Novo Testamento Amplificado (em inglês) verteu estes versículos da maneira seguinte: "Portanto, não sois mais estrangeiros, exilados, emigrantes e forasteiros, excluídos dos direitos de cidadãos, mas partilhais agora da cidadania com os santos. Sois o povo que pertence a Deus, consagrados e separados para Ele, e fazeis parte da própria família de Deus. Sois edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Ele mesmo Cristo Jesus, a principal pedra angular."

Como concidadãos, pertencemos ao mesmo governo de Deus. Temos os mesmos direitos, idênticos privilégios e responsabilidades proporcionais. Como membros da universal família de

Como povo unido e preservado pelo poder coesivo do sangue de Cristo, podemos permanecer insensíveis às divergências políticas, culturais, étnicas e outras mais, que podem ser usadas para dividir e romper o harmonioso progresso da Igreja.

Deus, somos filhos e filhas de Deus. Uma irmandade unida sob a eterna paternidade de Deus. Como parte do edifício de Deus, crescemos harmoniosamente "no Senhor". O segredo dessa unidade inseparável são as palavras: "Edificados juntamente no Senhor". Quando os cristãos mantêm essa relação "no Senhor", sempre é assegurada a unidade da Igreja. Como um só rebanho, somos "agregados" (S. João 10:16). Como uma só família, "vivemos unidos" (Sal. 133:1). Como um só corpo, somos "bem ajustados e consolidados" (Efés. 4:16). Como um só templo, também somos "bem ajustados" (Efés. 2:21). Como uma só família, somos "edificados juntamente" (Efés. 2:19 e 20). Como um só reino, devemos "lutar juntos" (Filip. 1:27).

A transcendente necessidade de unidade é descrita persuasivamente por Ellen G. White: "Uma vez após outra, o anjo me disse, 'Uni-vos, uni-vos, sede de um mesmo pensamento e do mesmo parecer.' Cristo é o dirigente, e vós sois irmãos; segui-O." — *Evangelismo*, pág. 102.

Oxalá a solene oração de nosso Senhor pela unidade cristã se cumpra inteiramente em cada membro da igreja remanescente. ■

Ponha o Casamento em sua Lista de Coisas a Serem Examinadas

O diagnóstico e o tratamento precoce de sintomas físicos reduziram consideravelmente o índice de mortalidade de certas doenças. Você pode livrar seu casamento da ruína completa pelo mesmo processo.

Muitas pessoas se submetem conscienciosamente a um *check-up* anual, a fim de afastar possíveis problemas de saúde. O encontro anual com o cobrador de impostos proporciona o ensejo de reconsiderar as finanças da família. Os proprietários de automóveis certificam-se de que um especialista no ramo examine o pulso, a pressão e a respiração de seus veículos a intervalos regulares. Os cristãos aproveitaram os períodos de avivamento e consagração para avaliar seu progresso espiritual. Mas o casamento, que tanto

Dr. Reger C. Smith
Professor associado de Assistência Social na Universidade Andrews, EE.UU.

O Lar do Pastor

tem que ver com nossa felicidade, é deixado à deriva por vários anos, sem ser examinado e renovado.

João, de 41 anos de idade, e Maria, de 38, vieram falar comigo depois de quinze anos de casamento e quando já tinham quatro filhos. Ambos haviam frequentado um colégio. João era um administrador de jovens, e Maria uma dona de casa. Esta senhora tinha um problema visual progressivo que a deixaria cega dentro de alguns anos, e seu marido expressava fluentemente sua preocupação com isso. O problema que ameaçava seu casamento era, porém, de mais longa duração e mais perigoso para sua relação.

João passava dois ou três serões por semana fora de casa, atendendo a compromissos sociais e de negócios rela-

cionados com o seu trabalho. Os fins de semana também o encontravam fora do lar, ao passo que Maria permanecia em casa. Ele se empenhava em numerosas atividades de jovens que abrangiam o dia ou a noite toda de domingo, e passava longas horas jogando golfe com os amigos.

No começo do casamento, Maria adotara a atitude de que seria uma esposa amável e deixaria que ele fizesse o que achasse melhor. Mas suas frustrações aumentaram à medida que os filhos a retinham em casa, ao passo que João desfrutava tantas atividades agradáveis no mundo exterior. As palavras frequentemente repetidas por ela: "Não me importo, querido; pode prosseguir", tornaram-se uma realidade. Ela retirou gradualmente o seu desvelo, para não ficar magoada. Na ocasião em que vieram aconselhar-se comigo, ela admitiu sinceramente que restava bem pouco amor entre eles. Quão diferente poderia ter sido a situação se João e Maria houvessem examinado periodicamente a condição de sua aliança matrimonial!

Muitos de nós apenas estamos vagamente cientes dos princípios fundamentais que são tão importantes para o bem-estar de nosso casamento. Não reconhecemos o início de tendências danosas, nem prevemos as pequenas dificuldades matrimoniais que acabam se transformando em obstáculos intransponíveis. E, se os percebemos, muitas vezes procuramos olvidar pelo maior tempo possível as brechas que se formam e as necessidades emocionais que não têm sido supridas.

Tudo isso, porém, poderá modificar-se se você e seu cônjuge fizerem o exame de onze pontos da condição matrimonial, que será apresentado mais adiante. Antes disso, eis algumas sugestões para tornar a experiência mais significativa:

1. Escolham uma ocasião tranqüila do dia e da semana, quando nenhum de vocês estiver perturbado.
2. Convidem o Espírito Santo a avivar suas percepções e abrandar suas reações.
3. Encontrem um lugar em que possam sentar-se confortavelmente, lado a lado, e partilhar uma hora serena.
4. Revezem-se na leitura das perguntas e explicações de um para o outro.
5. Dêem-se as mãos enquanto um de vocês lê as perguntas pela segunda vez. Respondam com um aperto de mão ou coloquem um sinal diante de

No começo do casamento, Maria adotara a atitude de que seria uma esposa amável e deixaria que ele fizesse o que achasse melhor.

toda pergunta que vocês julgam requerer atenção em seu casamento.

6. Procurem centralizar a atenção no que está acontecendo *entre* vocês dois, e não a cada um em particular.

7. É bom reconhecer certas deficiências perante o outro cônjuge, a fim de inspirar a esperança de que haverá modificações. Contudo, cada um conhece melhor o seu cônjuge e precisa decidir se a chocante revelação de algum procedimento errôneo produzirá mais dano do que bem.

8. Após a segunda leitura, considerem as perguntas que revelam a necessidade de modificações em sua relação mútua. Algumas alterações podem ser efetuadas pela determinação de prioridades no dispêndio do tempo e do dinheiro e planejando reservar um parte de cada um deles para uma finalidade especial. Melhoras nas atitudes e reações habituais que prejudicam o casamento podem resultar da decisão mútua de realizar modificações específicas; da oração diária; da atenção à maneira como progride a modificação; e da prontidão mútua para recompensar até mesmo o menor passo na direção certa.

9. Se os seus problemas parecem ser demasiado complicados para serem resolvidos dessa maneira, procurem ajuda profissional. (Um indício seriam as hostilidades que impossibilitem a realização do teste pelo casal.) Os conselheiros matrimoniais devem ser procurados com a mesma facilidade que os conselheiros legais ou médicos.

O Exame de 11 Pontos da Condição Matrimonial

1. *Seu cônjuge recebe de você, regularmente, mais estímulos do que golpes?*

Descubram o antebraço e demonstrem o que é um "estímulo", fazendo uma carícia com a ponta dos dedos, como se fosse uma pena; e um "golpe", com uma vigorosa batida com os nós dos dedos. O estímulo representa o efeito que pode ser causado por palavras positivas. O golpe representa o dano ou a irritação causada por palavras negativas. (Agora, digam um ao outro, por meio desse método, o que acham que estão recebendo.)

O cônjuge que ouve com regularidade mais declarações positivas do que negativas, suporta algumas negativas de vez em quando. As pequenas atenções, os numerosos incidentezinhos e as simples cortesias da vida compõem o conjunto da felicidade da existência. Semelhantemente, a negligência de

palavras bondosas, animadoras e afetuosas, e das pequenas cortesias da vida, ajuda a formar o conjunto de infelicidade da existência.

2. *Vocês partilham um com o outro a maior parte de seu agradável tempo disponível?*

Muitos casais repartem os serviços domésticos, e isso produz bons resultados. Que acontece, porém, com o seu tempo de folga? Como você o divide entre o seu cônjuge e seus amigos? Se a sua recreação mais agradável é passada a sós ou com outros fora do casamento, o espírito de cooperação está perdendo a atração.

3. *Vocês dispõem pelo menos de um período de três horas consecutivas, de duas em duas semanas, para estarem juntos ou de uma "escapulida" de fim-de-semana, de três em três meses?*

O excesso de atividade pode sufocar o espírito de cooperação, e uma rotina interminável de realizações pode ser uma fuga da intimidade. A cooperação mútua tem de ser planejada; se ela ocorre com regularidade, pode prover cada vez maior satisfação ao casal que a aguarda com ansiedade ou que dela sente saudades.

Planejem um fim-de-semana ocasional "longe de tudo isso", numa atmosfera de lua-de-mel. Poucos de nós compreendemos o quanto somos dominados e inibidos pelo telefone, pelo programa diário e pela constante percepção de que as crianças estão por perto.

Cristo reconheceu a ligação entre o companheirismo e os períodos de lazer, recomendando a Seus discípulos: "Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto; porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham." S. Mar. 6:31.

4. *Vocês costumam resolver as desavenças a contento mútuo e sem rancor?*

Seria um inacreditável milagre de longa duração se dois indivíduos inteligentes que vivem juntos jamais discordassem. Os casais que têm sérias dissensões, mas procuram negá-las, simplesmente estão disfarçando e adiando a dificuldade. Vocês têm algumas regras fundamentais para resolver as desavenças, deixando bons sentimentos de um para com o outro depois que findou a discussão? Eis algumas diretrizes que podem ser úteis:

* Não usar a força física.

* Não xingar. Lançar tais epítetos como "estúpido" e "bobo" não ajuda a nenhum de vocês.

O cônjuge que ouve com regularidade mais declarações positivas do que negativas, suporta algumas negativas de vez em quando.

* Atenham-se ao assunto em lide. Trazer à tona tudo de errado que já aconteceu confunde o ponto principal da alteração.

* Não ataquem as partes mais vulneráveis. O conhecimento íntimo do cônjuge expõe certas partes vulneráveis que nada têm que ver com o problema que está sendo debatido. Sua ira o tentará a trazer à tona alguma deficiência vergonhosa ou aflitiva. Não o faça.

Satanás sempre está pronto a prevalecer-se de qualquer desavença que surge. Incitando no marido ou na esposa desagradáveis traços de caráter hereditários, ele procurará separar cristãos que uniram a vida numa solene aliança matrimonial diante de Deus.

5. *Vocês mantêm razoável equilíbrio entre os encargos efetuados no lar e os encargos efetuados longe de casa?*

Você está contente com a maneira como o seu cônjuge divide o trabalho? Ao determinar a quantidade de trabalho que você efetua em casa, é levado em conta o que seu cônjuge realiza fora de casa? Uma divisão pela metade de todos os deveres domésticos talvez não seja exequível nem conveniente. No entanto, mesmo a participação restrita nas atividades domésticas pode ser uma demonstração de desvelo e solicitude pelo cônjuge. O importante não é quanto faz, e, sim como cada um de vocês se sente no tocante à divisão dos serviços caseiros. Como o marido e a esposa podem dividir os interesses de sua vida familiar, mantendo ainda amoroso e firme apego um ao outro? Eles devem ter um interesse unido em tudo que diz respeito aos seus afazeres domésticos.

6. *Em sua relação, vocês procedem com lisura no que se refere ao dinheiro, ao sexo, ao emprego, etc.?*

No casamento, o sexo e o dinheiro são assuntos comuns de divergências. Todavia, as causas dessas divergências geralmente são mais profundas. "Ele" controla o dinheiro e "ela" o sexo. (Hoje em dia, a igualdade entre os sexos aumenta a possibilidade de reversão nesses casos.) Vocês usam o dinheiro, o sexo ou as horas de trabalho para expressar ira, vingança, necessidade de dominar ou outros sentimentos disfarçados? O amor não guarda ressentimentos. Se amamos a alguém, cremos nessa pessoa e esperamos o melhor de sua parte.

7. *Sua expressão física do sexo é mutuamente satisfatória?*

Não há uma freqüência estabelecida para a atividade sexual de um casal.

Vocês dois se sentem realizados e satisfeitos neste sentido? Se não, por que não? Disseram francamente um ao outro o que lhes agrada, e o que não lhes agrada?

8. *Um ou outro de vocês está flertando perigosamente com alguém?*

Muitas intrigas amorosas começam de maneira bem ingênua. Um consorte começa a gastar um pouco mais de tempo e a gracejar com um pouco mais de vivacidade com alguém do sexo oposto. Um ambiente comum para tais galanteios é o trabalho. A quantidade de tempo gasto e o deleite de uma conversação com uma amiga (ou um amigo) tendem a aumentar quase inconscientemente, lançando a base para maior envolvimento. Embora tal relação pareça ser divertida, deve ser cortada no início pelas pessoas que encaram o seu casamento com seriedade.

9. *Você se sente desejado, amado e apreciado? E o que é mais importante ainda: Seu cônjuge se sente desejado, amado e apreciado?*

Numa união de duas vidas, cada um deve contribuir para a felicidade do outro. A necessidade de sentir-se desejado, amado e apreciado é natural e sadia. Se não for satisfeita (e o isolamento de seus parentes, por parte das famílias modernas, impõe um pesado encargo aos cônjuges), a lacuna pode ser preenchida inadequadamente pelo comer em excesso, por uma intriga amorosa que ensoberbeça o próprio eu, por exigências desarrazoadas, e assim por diante. Uma resposta satisfatória a esta pergunta pode depender das respostas "corretas" às outras dez.

10. *Em sua relação está faltando alguma coisa que vocês consideram necessária?*

Às vezes um cônjuge sente falta de alguma coisa em seu casamento. Ele ou ela podem procurar viver sem isso, alterando as expectativas ou encobrindo as frustrações pelo excesso de atividade. Tanto uma acomodação como a outra pode redundar em menor satisfação para ambos. Se um necessita de mais afeto, e o outro está disposto a aprender a ser mais afetuosos, o cônjuge prejudicado pode procurar reduzir sua necessidade, facilitando assim o esforço de seu consorte. Esforçar-se por demonstrar afeto pode ser uma experiência nova e arriscada. Se isto constitui um problema em seu casamento, você está disposto a fazer uma tentativa?

11. *Vocês ainda procuram fazer o que está ao seu alcance para ter um casamento feliz?*

Os homens e as mulheres podem atingir o ideal de Deus para eles se fizerem de Cristo o seu Ajudador. O que a sabedoria humana não pode realizar, será efetuado por Sua graça na vida daqueles que se entregam a Ele em amorosa confiança.

Pastores e conselheiros descobrem às vezes que os casais com problemas matrimoniais de longa duração desistem de procurar melhorar seu casamento — como no caso de João e Maria. Um ou outro, ou ambos os cônjuges, podem ter-se conformado com uma relação desditosa e insatisfatória. É muito difícil modificar tal atitude, mas é necessário. Ambos os cônjuges devem estar dispostos a modificar-se. Em todos os casamentos bem sucedidos, tanto o marido como a esposa procuram manter vivo e crescente companheirismo.

Se vocês, pelo menos uma vez ao ano, examinarem juntos estas onze questões, poderão descobrir as fendas antes que se transformem em brechas irreparáveis. Seus esforços podem redundar em renovada dedicação a um casamento compensador e nobilitante.

Os homens e as mulheres podem atingir o ideal de Deus para eles se fizerem de Cristo o seu Ajudador. O que a sabedoria humana não pode realizar, será efetuado por Sua graça na vida daqueles que se entregam a Ele em amorosa confiança.

Se vocês dois fizerem de Cristo o seu Ajudador, e se entregarem a Ele em amorosa confiança, atingirão o ideal de Deus para a vida de cada um de vocês, e Sua graça realizará aquilo que está além da sabedoria humana.

Vocês Examinaram seu Casamento Recentemente?

As respostas sinceras a estas perguntas podem ajudá-los a descobrir alguns sintomas mais comuns de um casamento doentio.

1. Seu cônjuge () Sim () Não recebe de você, regularmente, mais "estímulos" do que "golpes"?

2. Vocês partilham () Sim () Não um com o outro a maior parte de seu agradável tempo disponível?

3. Vocês dispõem () Sim () Não pelo menos de um período de três horas consecutivas, de duas em duas semanas, para estarem juntos, ou de uma "escapulida" de fim-de-semana, de três em três meses?

4. Vocês costumam () Sim () Não resolver as desavenças a contento

mútuo e sem rancor?

5. Vocês mantêm () Sim () Não razoável equilíbrio entre os encargos efetuados no lar e os encargos efetuados longe de casa?

6. Em sua relação, vocês procedem com lisura no que se refere ao dinheiro, ao sexo, ao emprego, etc.?

7. Sua expressão física do sexo é mutuamente satisfatória?

8. Um ou outro de vocês está fler-

tando perigosamente com alguém?

9. Você se sente () Sim () Não desejado, amado e apreciado? E o que é mais importante ainda: Seu cônjuge se sente desejado, amado e apreciado?

10. Em sua relação está faltando alguma coisa que vocês consideram necessária?

11. Vocês ainda procuram fazer o que está ao seu alcance para ter um casamento feliz? ■

As Finanças do Lar

Já perguntou a si mesmo por que tantas famílias compostas de pessoas capazes e inteligentes, com um senso de responsabilidade bem desenvolvido, oscilam entretanto à beira do desastre financeiro?

Quase todas as famílias que conhecemos são afligidas por problemas de dinheiro. Os peritos em finanças dizem que as preocupações e as disputas sobre o manejo do dinheiro são amiúde a causa de divórcio entre os cônjuges e de dificuldades entre os pais e os filhos.

É a sua uma dessas famílias aturdiadas que não "desfrutam a vida", apesar de ter receitas adequadas? Deseja saber como livrar-se de dívidas? É afligido pelo problema monetário? Eu também era afligido por ele, mas descobri as três causas principais da maioria dos problemas financeiros familiares. Se conseguir compreendê-los e corrigi-los, seus problemas financeiros serão coisa do passado.

Primeiro Problema: Falta de Orçamento

Os conselheiros em assuntos financeiros do lar declaram que a maioria dos problemas financeiros familiares podem ser atribuídos ao manejo errôneo das receitas, e não a entradas reduzidas.

Munido desta informação, efetuei uma pesquisa acerca dos orçamentos pessoais. Fiquei surpreso com os resultados. Esperava encontrar muitas

R. R. Drachenberg
Tesoureiro da
Divisão
Interamericana

pessoas que não fazem orçamentos de suas receitas; mas, sem exceção alguma, todos os interrogados me disseram que praticavam esse método.

Mediante perguntas específicas, logo percebi, porém, que o homem e a mulher de termo médio nem sequer sabem que é um orçamento.

Como ilustração, citarei o caso de uma senhora que, depois de haver elogiado amplamente o valor de seu orçamento pessoal, me disse como o fazia: "Tenho-o na cabeça. Provavelmente seria melhor se o planejasse ou o escrevesse."

A única coisa que a maioria das pessoas fazem é celebrar uma reunião mensal de luta com as contas, e acham que isto é fazer um orçamento. Talvez isto lhes custe bastante tempo e esforço, mas de maneira alguma significa que são regidos por um orçamento.

Propriamente dito, o orçamento correto é um processo bem documentado que elimina o pesadelo mensal de procurar calcular onde conseguir dinheiro suficiente para pagar as contas. Aprendi isto depois de passar anos escamoteando contas mensalmente. Poucos sabem como obter bons resultados de um orçamento.

Um Princípio Antigo

O certo é que, acima de qualquer outro livro, a Bíblia indica a verdadeira técnica de fazer um orçamento. Sabia que muitos homens famosos buscavam ajuda prática em suas páginas, mas não

compreendia quão claro era o conceito que tinham os antigos hebreus do manejo de suas receitas.

De acordo com as leis estabelecidas pelos israelitas, as pessoas eram induzidas a reservar uma porcentagem fixa de suas entradas regulares para uso pessoal por ocasião das festas religiosas anuais.

Este método de estabelecer uma porcentagem fixa para obrigações futuras não é usado pela maioria das pessoas. Em vez disso, segundo parece, a técnica usada pela maioria é pagar todas as contas vencidas depois de receber o último salário, com qualquer dinheiro disponível. Isto, porém, não é fazer um orçamento. Em compensação, o método da porcentagem fixa se enquadra plenamente nessa classificação.

Segundo Problema: Abuso de Crédito

Antes da Segunda Guerra Mundial, o sistema de crédito usado pela família de termo médio era muito limitado e apenas tinha escassa aceitação. Um empréstimo hipotecário sobre a casa de alguém era indício de sérias dificuldades financeiras, semelhantes à possibilidade de ter de refugiar-se num asilo.

As vezes se podia comprar um automóvel a prazo, e existia o método de conseguir pequenos empréstimos dos bancos. Mas o volume de operações creditícias era muito reduzido. O mundo das compras a prestações não havia surgido ainda.

Desde então, a expansão do sistema de crédito tem sido fenomenal, não só nos Estados Unidos, mas no mundo todo. Hoje em dia, o fantástico domínio da "compra num instante" é um dos traços mais característicos de nossa sociedade.

Que dizer, porém, quanto ao uso do crédito? Você se precipita nas compras a prestações como a maioria de seus vizinhos? Isto é um erro? Talvez seu grande problema seja a falta de conhecimento sobre as compras a prestações.

O Sistema de Crédito — Bom ou Mau?

Seria um disparate dizer que o sistema de crédito, em si, é um erro. Principalmente no mundo dos negócios, o uso do crédito apropriado tem facilitado de modo significativo a afluência de bens e serviços. Muito se poderia dizer, no âmbito pessoal, dos

Os conselheiros em assuntos financeiros do lar declaram que a maioria dos problemas financeiros familiares podem ser atribuídos ao manejo errôneo das receitas, e não a entradas reduzidas.

benefícios potenciais para o consumidor. Os cartões de crédito, por exemplo, eliminam o incômodo e alguns dos perigos de levar muito dinheiro efetivo. As prestações a longo prazo e juros baixos possibilitam a aquisição de artigos grandes, como casas e automóveis, que de outra maneira não poderiam ser adquiridos por muitas pessoas, em muitos anos.

Contudo, muitas famílias jovens são vítimas dos numerosos embustes do sistema de crédito. Charles Neal, diretor do Conselho Financeiro para o Instituto Americano de Relações Familiares, assevera que "a causa de quase todos os casos de bancarrota pessoal tem sido o abuso dos créditos; em outras palavras, a impaciência por obter as 'comodidades da vida'".

As compras a prestações, e especialmente o uso dos cartões de crédito, suscitam uma ilusão de prosperidade. A "suavidade" dos pagamentos, a demora da chegada das cobranças no fim do mês, e a dispensa de dinheiro efetivo no momento de efetuar a compra fazem com que as comodidades da vida estejam de repente à nossa disposição.

Conforme um jovem empregado, "às vezes, quando se começa a economizar e é preciso esperar muito tempo, pode ser que se perca o interesse em adquirir as comodidades que se queria". Esta espécie de raciocínio é o que ainda incita milhões de famílias a gastarem o salário antes de recebê-lo.

O sistema de crédito pode ocupar seu lugar no seio de qualquer família se esta sabe como usá-lo convenientemente.

Um Guia Para Usar o Crédito

Em geral, os que administram dinheiro precisam saber primeiro que há duas espécies de gastos. Rex Wilder, no "Guia Para as Finanças Familiares de MacMillan", identifica-os como o que se necessita e o que se deseja. Ele define o que é necessário como "algo que se deseja com urgência e que amiúde constitui uma necessidade biológica" (como a casa e a comida). O que se deseja é apresentado por ele como sendo "o surgimento de um desejo de ter algo que não se baseia em nenhuma necessidade imprescindível à vida". Usado com cautela, o crédito pode ser aplicado ao que é necessário, mas quase nunca deveria ser usado para o que é supérfluo.

A maioria das famílias que têm problemas financeiros abusam do crédito

para adquirir coisas que apenas constituem um desejo e que na realidade não são necessárias. Até que consigam ter algumas economias, devem adotar o sistema de só comprar o que é supérfluo com dinheiro contante.

Terceiro Problema: Falta de Economia

As estatísticas referentes às entradas familiares demonstram que o sistema de economia ou poupança tem-se incrementado na última ou nas duas últimas décadas. Também é um fato estatístico interessante que as famílias que economizam não são as que experimentam dificuldades financeiras.

Quase todas as pessoas com quem me encontro e que têm problemas monetários reagem imediatamente da seguinte maneira à idéia de economizar: "Não podemos dar-nos a esse luxo!" Mas podem dar-se ao luxo de não praticá-la! Quanto mais baixas as entradas, tanto mais essencial é praticar o sistema correto de economia.

Já vimos que para adquirir coisas supérfluas, é melhor a economia que o crédito. Mas não me refiro a esta espécie de economia. O que as pessoas mais necessitam é o que chamo de "Operação-Economia", especialmente aqueles que vivem com um orçamento apertado.

A Operação-Economia não se destina a futuros planos de férias, aquisição de utensílios domésticos ou aposentadoria, e, sim, a proporcionar os fundos necessários para enfrentar despesas imprevistas.

Não importa quão cuidadosamente sejam planejados os gastos futuros ao fazer o orçamento, sempre haverá momentos de dificuldades ou oportunidades singulares em que se necessitará de dinheiro adicional. Quanto mais pobre for a família, tanto mais imperiosa será a necessidade da "Operação-Economia".

A medida que forem aumentando as receitas, poderá ser reduzida a proporção das receitas anuais reservadas para esse fim, mas a família de entradas medianas deve separar uma porcentagem de suas receitas anuais para essa finalidade. Se as companhias que possuem um capital de milhões de dólares sentem necessidade de fazer economias com este fim, quanto mais não deveria senti-la a família de exíguas receitas!

No momento atual, pode ser que você pense que este aspecto é menos importante que fazer um orçamento e usar adequadamente o crédito. Mas é tão importante como tudo isso. Decida-

Há também outro princípio que governa o êxito ou o fracasso dos assuntos financeiros e é mais importante do que os três que acabamos de mencionar. Este princípio surge de uma das fontes menos reconhecidas como autoridade financeira — a Bíblia.

se a experimentá-lo. Mantenha esse dinheiro e não toque nele, a menos que ocorra uma autêntica emergência. Você se surpreenderá ao ver quanto lhe renderá o seu dinheiro.

A Regra Mais Importante

Há também outro princípio que governa o êxito ou o fracasso dos assuntos financeiros e é mais importante do que os três que acabamos de mencionar. Este princípio surge de uma das fontes menos reconhecidas como autoridade financeira — a Bíblia. Muitos homens de negócios têm compulsado regularmente as páginas da Bíblia a fim de obter orientação para os seus problemas diários. Como eles, tenho profundo e permanente respeito pelos muitos conselhos práticos e pelas advertências da Bíblia, especialmente em assuntos relacionados com o dinheiro.

Por exemplo, note o princípio bíblico da economia: "Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, considera os seus caminhos, e sê sábio. Não tendo ela chefe, nem oficial, nem comandante, no estio prepara o seu pão, na sega ajunta o seu mantimento." Prov. 6:6-8.

Nas palavras de Jesus Cristo encontramos um conceito mais profundo e consistente: "Mais bem-aventurado é dar do que receber." Atos 20:35.

* Reconheço que não é fácil decidir dedicar uma parte do que se tem para ajudar os necessitados, quando o que se tem é pouco. Já incluiu alguma vez em seu orçamento familiar uma parcela para este fim — sempre levando em conta, naturalmente, os seus recursos financeiros limitados?

Uma vez que a pessoa admite que, em regra, não necessita de tudo que ganha, e uma vez que começa a usar alguns de seus recursos para ajudar a outros, descobrirá que começou a perder grande parte de sua atitude egoísta. Este princípio de preocupar-se com os outros exerce uma influência mais estabilizadora sobre a pessoa do que os três pontos mencionados. O livro de Provérbios expressa o princípio deste modo: "A quem dá liberalmente ainda se lhe acrescenta mais e mais, ao que retém mais do que é justo, ser-lhe-á em pura perda. A alma generosa prosperará, e quem dá a beber será dessedentado." Cap. 11:24 e 25. Milhares de pessoas experimentaram uma ampla modificação em sua vida praticando o princípio bíblico da generosidade.

Em resumo, são estas as três chaves do êxito para desfrutar estabilidade financeira:

1. Fazer um orçamento anual que facilite a maneira de gastar cada cheque quase identicamente.

2. Evitar o uso do crédito, a menos que seja para algo inevitável. Economizar para adquirir as coisas supérfluas.

3. Praticar a "Operação-Economia"

para as emergências.

E o mais importante de tudo: examinar sua própria atitude. É você egoísta ou generoso? Preocupa-se com as necessidades dos outros, ou só com as suas? Eis aqui a base principal da felicidade financeira! ■

Unicamente Cristo

O Princípio Cristomonístico

Esta alocução constitui a nota tônica de uma reunião de dois dias (3 e 4 de outubro de 1979) realizada em Washington, D. C., para examinar a justiça pela fé em seus aspectos doutrinários e espirituais.

Princípio é uma regra ou verdade estabelecida que é geral e na qual se baseiam outros princípios; uma fonte ou causa de que provém alguma coisa. Com base em ambas essas definições, verificamos que o princípio cristomonístico está firmemente arraigado nas Escrituras. A palavra *cristomonístico* é uma combinação de dois vocábulos gregos: *Christos* (Cristo) e *monos* (único), formando assim a expressão: "Unicamente Cristo".

Temos de começar e terminar com Cristo. Fora dEle não há verdadeiro conhecimento de Deus que leve à salvação e redenção. A própria pessoa de Cristo é tanto a fonte como a essência da redenção e do verdadeiro conhecimento de Deus.

"Unicamente Cristo" de Eternidade a Eternidade

Quando buscamos os começos do princípio não podemos ir além de certo ponto — a concessão do concerto de vida. Visto que Deus é Deus e o homem é homem, esse concerto teria de ser um concerto dominante — obediência e viva, desobediência e morte. Esse concerto abrangia o próprio princípio de vida.

No mesmo instante em que foi estabelecido o concerto de vida, também surgiu o eterno concerto de redenção entre Deus, o Pai, e Deus, o Filho, confirmando o fato de que o concerto de vida realmente se originou em amor. A eterna decisão da graça de Deus faz parte de Sua essência, arraigada no amor. Entretanto, o Pai não age independentemente do Filho. E o Filho não

V. Norskov
Olsen

somente é autêntico Deus; Ele também é autêntico homem, Jesus de Nazaré. Como tal, constitui o representante da humanidade, a qual, nEle e por Seu intermédio, é unida com Deus como o próprio Jesus Cristo o é. "[Deus] nos escolheu nEle [em Cristo] antes da fundação do mundo." Efés. 1:4.

No Éden foi quebrado o concerto da vida e ocorreu a queda do homem. Ergueu-se um altar do lado de fora do Éden. Mais tarde, Abraão, o pai do povo do concerto, dirigiu-se ao monte Moriá com seu filho. Isaque perguntou: "Onde está o cordeiro?" e Abraão respondeu: "Deus proverá." Gên. 22:7 e 8. Séculos mais tarde, João Batista deu a resposta completa: "Eis o Cordeiro de Deus." S. João 1:29. O drama dos séculos ocorreu no Calvário.

"Unicamente Cristo" de eternidade a eternidade é uma Pessoa, e nossa redenção e vida dependem de nossa relação com Ele como uma Pessoa. A Escritura apresenta-O na eternidade passada como "o Cordeiro morto desde a fundação do mundo", como "o Cordeiro de Deus" que veio num tempo e lugar específico na História, para tirar os pecados do mundo, e como o Cordeiro que através de toda a eternidade futura receberá "honra, e glória, e louvor" de todos os habitantes do Universo (ver Apoc. 13:8; S. João 1:29; Apoc. 5:12 e 13).

"Unicamente Cristo" na História

"Unicamente Cristo" é o alvo da História. A Escritura e a cultura hebraico-cristã compreenderam a História, não por meio de uma rotina natural, como sucedeu com muitas culturas antigas, mas por meio de um conceito linear. A singularidade do livro de Daniel é seu conceito linear da História, culminando no aparecimento do Filho do Homem.

Teologia

Jesus não somente adotou esse nome procedente de Daniel 7. Ele baseou Sua missão terrestre na visão e proclamação desse capítulo. Sabia que tinha uma função no grande drama da História descrito por Daniel.

Semelhantemente, os apóstolos, a igreja primitiva e os reformadores protestantes viveram, pregaram e labutaram na carregada atmosfera dos "últimos dias". Consideravam seu próprio tempo como uma era apocalíptica. Viveram numa histórica tensão entre o primeiro e o Segundo Advento. Os apóstolos e os reformadores encaravam com muita seriedade o realismo histórico do cristianismo. A força propulsora de sua missão cristã tinha uma base histórica — a proclamação dos poderosos atos de Deus na pessoa de Jesus Cristo.

A história do mundo e a história da salvação têm avançado constantemente para um ponto culminante. O apóstolo Paulo expressa-o nestas palavras: "Pois Deus permitiu que conhecêssemos o segredo de Seu plano, e é o seguinte: em Sua vontade soberana, Ele determinou há muito tempo que toda a história humana seja consumada em Cristo, e que tudo quanto existe no Céu ou na Terra encontre nEle sua perfeição e cumprimento." Efés. 1:10, Versão de Phillips.

No "unicamente Cristo" da História temos a salvação efetuada no primeiro advento, trazendo todas as coisas em sujeição a Cristo como Senhor dos senhores; a salvação a ser efetuada no segundo advento trará todas as coisas em sujeição a Ele como Rei dos reis. Isto é o adventismo em seu verdadeiro significado. O "unicamente Cristo" da História é uma Pessoa, e Seus feitos devem ser proclamados em todo o seu realismo histórico.

O "Unicamente Cristo" da Bíblia

A Reforma Protestante tornou-se uma verdadeira remodelação e reorientação no âmbito da hermenêutica. Foram encontrados novos instrumentos exegéticos pelos quais pudesse ser restaurada a teologia bíblica e o cristianismo do Novo Testamento. O princípio exegético da Reforma era "unicamente Cristo".

Cristo palestrou com os dois discípulos no caminho de Emaús, no dia de Sua ressurreição. "E, começando por Moisés, discorrendo por todos os profetas, expunha-lhes o que a Seu respeito constava em todas as Escrituras. . . . E disseram um ao outro: Porventura não nos ardia o coração, quando

O "unicamente Cristo" da História é uma Pessoa, e Seus feitos devem ser proclamados em todo o seu realismo histórico.

Ele pelo caminho nos falava, quando nos expunha as Escrituras?" S. Luc. 24:27-32. Cristo e Seus discípulos depois dEle interpretaram o Velho Testamento para seus contemporâneos à luz de Cristo nas Escrituras. A Reforma Protestante fez a mesma coisa. Há uma diferença entre dizer: "Deus nos livros da Bíblia" e "Cristo nos livros da Bíblia", assim como há uma diferença entre dizer: "Educação centralizada em Deus" e "educação centralizada em Cristo".

A Bíblia não foi escrita como um credo ou como um manual batismal. Antes, constitui o relato do que aconteceu com as pessoas que tinham agora um novo gênero de vida que não poderiam ter obtido por si mesmas. Os fatos da vida e obra de Jesus Cristo são fundamentais; a maneira como os que entraram em contato com Ele explicaram o significado desses fatos é a experiência da salvação. Esta experiência é acessível a todos. O valor do Novo Testamento é que as experiências e os encontros com a pessoa de Jesus Cristo da Bíblia, segundo foram descritos nas Escrituras, tornam-se normativos para toda a experiência cristã, a qual, por sua vez, deve ser julgada pela Bíblia.

Por conseguinte, quando houve a formulação de alguns credos no tempo da Reforma, eles só tiveram autoridade relativa; as Escrituras eram a autoridade absoluta. O conceito comum é bem expresso na Primeira Confissão de fé de Basel (1534): "Submetemos esta nossa confissão ao julgamento das Escrituras divinas, e estamos dispostos a sempre obedecer de bom grado a Deus e Sua Palavra, se formos corrigidos pelas referidas Escrituras Sagradas." Portanto, para os reformadores, a Bíblia era um regulador não regulado por outro.

Voltemos-nos para Lutero a fim de ilustrar o princípio de "unicamente Cristo" na Bíblia. Ele entrou no mosteiro em 1505 e empreendeu seus estudos profissionais de teologia desde o começo de 1507 até receber o doutorado em 1512. Em 1513 começou a fazer preleções sobre o livro de salmos, e prosseguiu nessa atividade por mais de dois anos. A maioria dos eruditos contemporâneos de Lutero afirmam que suas observações sobre o assunto da justiça pela fé, encontradas em seus comentários sobre os Salmos 31 e 71, realmente expõem seu redescobrimto do evangelho segundo aparece em Romanos 1:17. Em 1515, 1516 e 1517 ele passou a prelecionar respectiva-

mente sobre Romanos, Gálatas e Hebreus. A chave que abriu a Bíblia para Lutero foi o princípio cristomonístico. Ele achou que os Salmos eram grandiosos e belos — “um precioso e amado livro”, que “bem poderia ser chamado uma pequena Bíblia”, pois continua sucintamente tudo que se encontra na Bíblia. Lutero disse que gênesis é “um livro extraordinariamente evangélico”, mas foi Daniel que recebeu o mais longo, o mais pormenorizado e o mais sublime prefácio de todos os profetas, pois Lutero achou que ele profetizou tão exata e admiravelmente a respeito de Cristo, que “não se pode passar por alto a vinda de Cristo, a menos que isto seja feito deliberadamente”.¹

Cristo expressou o princípio de hermenêutica cristomonístico ao dizer: “Examinai as Escrituras, . . . e são elas mesmas que testificam de Mim.” S. João 5:39. Lutero declarou que no Velho Testamento “encontramos as fraldas e a manjedoura em que Cristo jaz . . . Essas fraldas são simples e humildes, mas precioso é o tesouro que nelas está: Cristo. . . . E que é o Novo Testamento se não uma pregação pública e proclamação de Cristo, expostas pelas afirmações do Velho Testamento e cumpridas por meio de Cristo?”²

Infelizmente, no pensamento protestante tem havido alguma ambigüidade no uso da frase “A palavra de Deus”. Tem-se declarado que a Bíblia é a Palavra de Deus, que ela contém a Palavra de Deus e que ela dá testemunho da Palavra de Deus. Em Lutero encontramos estas três coisas mantidas numa relação que desce da Palavra como Cristo (S. João 1:1) para a Palavra como evangelho (S. João 1:14) e para a Palavra como a Bíblia.

Lutero disse que Cristo é a “estrela e o âmagô” das Escrituras, e “a parte central do círculo” em torno do qual gira tudo o mais. Certa vez ele comparou alguns textos bíblicos a nozes duras, cujas cascas não queriam romper-se, e disse que, quando as encontrasse, ele as lançaria contra a Rocha (Cristo), para que então conseguisse achar dentro delas sua “deliciosa amêndoa”.³ É essa “deliciosa amêndoa” que o adventismo procura realçar nas doutrinas da Igreja, incluindo a compreensão bíblica da lei e do sábado. Como sucede com a literatura de Ellen G. White, ele aponta para um dogma cristocêntrico. Ela escreveu: “A palavra cristianismo tem um sentido muito mais amplo do que muitos lhe têm dado até aqui. Não é um credo. É a palavra daquele que vive e permanece para sempre. É um

A Bíblia não foi escrita como um credo ou como um manual batismal. Antes, constitui o relato do que aconteceu com as pessoas que tinham agora um novo gênero de vida que não poderiam ter obtido por si mesmas.

princípio vivo e animado, que se apodera da mente, do coração, dos motivos e de todo o homem. Cristianismo — oh, se lhe pudéssemos experimentar a operação! É uma experiência vital, pessoal, que eleva e enobrece todo o homem.”⁴

A principal questão religiosa, para Lutero, era: “Como ter certeza da salvação?” Nessa procura, os reformadores avivaram o cristianismo do Novo Testamento e cunharam tais expressões teológicas como “só a Bíblia”, “unicamente Cristo”, “só pela graça”, “unicamente pela fé”. São princípios, conforme a definição dada no começo deste artigo. “Só a Bíblia” é a estrutura dentro da qual nos movemos. E dentro dessa estrutura há um outro princípio — “unicamente Cristo” — que atua como regra fixa, como fonte e como a verdade em que se baseiam todas as outras. Dentro da estrutura de “unicamente Cristo” temos dois outros princípios que indicam a direção. Um deles parte de Cristo para o homem (“só pela graça”) e o outro parte do homem para Cristo (“unicamente pela fé”). A doutrina dos reformadores insistia tão predominantemente sobre a singularidade e a perfeita suficiência de Cristo, que se tornou não somente o impulso de sua doutrina a respeito de Cristo, mas também o centro de toda a sua teologia, à qual se subordinou até mesmo a doutrina da justificação.

Em toda a história da igreja cristã, os teólogos periodicamente têm descoberto uma parte negligenciada de certa doutrina e salientado sua importância. É assim que deve ser; mas, se essa parte negligenciada se torna o centro de um sistema ou movimento teológico, passa a ser perigosa e talvez até herética.

Se determinado aspecto de uma doutrina se torna o centro de uma teoria, é fácil perder a totalidade da mensagem bíblica. Por exemplo, Martinho Lutero não foi dogmático ao tratar do assunto da expiação, e, sim, um expositor da Escritura. Seus escritos sobre a expiação contêm declarações que podem ser incluídas em classificações comuns: patrística, oriental, latina, penal, vicária, etc. No entanto, Lutero se interessava em apresentar uma mensagem bíblica, e não em expor uma teoria acerca da expiação.

Os reformadores protestantes do século XVI eram teólogos bíblicos que procuravam preservar em todas as discussões dogmáticas, a totalidade da mensagem soteriológica da Bíblia. É significativo que Jan D. Kingston Sig-

gins, em seu livro: *Martin Luther's Doctrine of Christ* ("A Doutrina de Cristo de Martinho Lutero"), afirma que embora Lutero possa ser citado para apoiar idéias que constam em todas as teorias históricas sobre a expiação, ele certamente não adotou nenhuma teoria dessa natureza. Siggins escreve: "Talvez, porém, a própria variedade das respostas à pergunta acerca do ponto de vista de Lutero obscureceu a suspeita que deve recair sobre a própria pergunta. Pois Lutero não tem teoria alguma sobre a expiação." E acrescenta: "O estudo comparativo superficial pode insinuar que Lutero adotou todos os grandes esquemas (da expiação) — ou que ele era um pensador confuso que realmente não compreendeu nenhum deles. Na verdade, Lutero não está procurando fazer o que os teólogos tentaram com finalidades dogmáticas ou apologéticas, e é impossível equiparar seu resultado ao deles. A estrutura lógica de sua doutrina difere de todas as exposições deles, e não pode ser, portanto, enquadrada em nenhuma delas. Indubitavelmente, porém, pode ser enquadrada na Escritura, a qual também não expõe nenhuma teoria."⁶

Lutero definiu a Cristo como a "estrela" da Escritura ou "o ponto central do círculo". Também podemos dizer que Cristo é o "cubo da roda". Assim como um estrela emite muitos raios, do cubo da roda da salvação também saem muitos raios — perdão, conversão, arrependimento, justificação, santificação, expiação, regeneração, adoção, ressurreição e glorificação. Cada um deles é uma tentativa para descrever o que acontece com o crente quando "só pela graça" ele exerce fé "unicamente em Cristo". O aro mantém todos os aspectos unidos em Cristo — preservando a totalidade da mensagem soteriológica. A fé põe o indivíduo em relação com outra Pessoa — uma teologia de experiência na qual duas pessoas se entregam uma à outra. Nós o fazemos pela fé; Cristo o faz pela graça.

Lutero redigiu estas belas palavras: "A fé não somente confere à alma o suficiente para que se torne semelhante à Palavra divina: afável, livre e abençoada, mas também une a alma com Cristo, como a noiva com o noivo, e desse enlace Cristo e a alma se tornam um só corpo. . . Ambos passam a desfrutar então de comunhão de bens, quer seja a ventura, o infortúnio ou qualquer outra coisa; de modo que aquilo que pertence a Cristo também per-

Cristo expressou o princípio de hermenêutica cristomonástico ao dizer: "Examinai as Escrituras, . . . e são elas mesmas que testificam de Mim." S. João 5:39.

tence à alma crente, e o que pertence à alma também pertence a Cristo."

Salvação é a entrega pela fé "unicamente a Cristo". Então o cristão se acha tão intimamente unido a Cristo que se torna "um só ser", "um só corpo" com Ele.

A asseveração de Lutero de que a justificação é a doutrina magistral, o principal artigo e a pedra angular da Igreja, precisa ser explicada de duas maneiras. Primeira: Lutero queria dizer muito mais com a palavra "justificação" do que o conteúdo formal ou sistemático da doutrina da justificação em seu uso forense. Segunda: para Lutero a justificação era apenas um aspecto, por mais vital que fosse, de um assunto muito mais amplo — o assunto de "unicamente Cristo".

Lutero não via discordância alguma entre o ensino de Paulo e o de João. Pelo contrário, ele lia a expressão paulina "em Cristo" à luz da oração de S. João 17, que versa sobre a unidade de Cristo. Por conseguinte, em muitos trechos nos quais Lutero chamou a justificação de ponto cardeal, ele usou essa palavra para denotar um aspecto muito mais amplo do que o que é abrangido pela tradição dogmática. Empregou-a para indicar toda a exuberância de nossa relação de unidade com Cristo pela fé. Lutero identificou prontamente o assunto de Paulo, da justiça pela fé, com a ênfase de João à pessoa, à função e ao reino de Cristo.

Destarte, a forma dogmática em que a doutrina da justificação é enunciada com finalidades polêmicas constitui uma explicação inadequada para a riqueza da fé de Lutero. Não a justificação, mas "unicamente Cristo" era a norma de sua teologia e o princípio vivificante de sua fé. "Só pela fé" era simplesmente outra maneira de dizer: "Unicamente Cristo". Estas duas palavras, como a essência da doutrina e vida cristãs, indicam em que consistiu toda a Reforma. Disse Lutero: "Não conheço absolutamente nada, a não ser a Cristo unicamente. Oh, se tão-somente pudéssemos firmar tudo isso em Cristo!"⁸ Assim ele realçou a singularidade pessoal da relação com Cristo em que a teoria se transforma num fato real, as expectativas em realização, e o desejo em fruição.

Para Calvino, igualmente, a gênese, a dinâmica e a essência de sua espiritualidade encontravam-se unicamente em Cristo. Embora reconhecesse a prioridade lógica da justificação, Calvino acentuava sua inseparável ligação com a santificação. Ele não conside-

rava a justificação meramente como uma imputação forense de justiça, mas como uma transformação interior. Ela é fé numa pessoa — uma fé que significa uma união — com Cristo.

Ouçamos as próprias palavras de Calvino: "Por que somos justificados pela fé? Porque pela fé nos apegamos à justiça de Cristo, a qual, unicamente, nos reconcilia com Deus. Mas não podemos apegar-nos a isso, sem apoderar-nos, ao mesmo tempo, da santificação. Pois Ele tornou-Se nossa justiça, sabedoria, santificação e redenção (I Cor. 1:30). Portanto, Cristo não justifica a uma pessoa sem também santificá-la. Pois esses benefícios estão ligados por um vínculo eterno; de modo que, aos que Ele ilumina com Sua sabedoria, a esses também redime; aos que redime, a esses também justifica; aos que justifica, a esses também santifica. Visto, porém, que toda a questão apenas tem que ver com a justiça e a santificação, nós nos restringiremos a elas. Embora possamos separar uma da outra, Cristo contém a ambas sem divisão alguma. Desejais então obter justiça em Cristo? Deveis possuir primeiro a Cristo. Mas não podeis possuí-Lo sem participar de Sua santificação, pois Ele não pode ser dilacerado. Portanto, visto que o Senhor nunca nos concede a fruição desses benefícios sem nos dar a Si mesmo, Ele nos dá a ambas ao mesmo tempo: nunca uma sem a outra. Vemos assim como é verdade que não somos justificados sem as obras; contudo, isto não ocorre pelas obras, pois nossa participação em Cristo, pela qual somos justificados, abrange tanto a santificação como a justiça."

"Nossa salvação consiste destas duas partes, a saber: que Deus nos rege por Seu Espírito e nos transforma à Sua imagem no decorrer de toda a existência, e também que Ele sepulta todos os pecados."¹⁰

Para Calvino, a justificação e a santificação se efetuam continuamente no cristão: elas coexistem em tensão dialética, denotando contínuo andamento e progresso.

Essa incipiente união com Cristo é a necessária condição para a vida espiritual. Na justificação, a graça é perdão; na santificação, a graça é poder. A inteireza do ato redentor e restaurador da parte de Deus significa não só reconciliação, mas também renovação. A própria fé, o elemento primordial na experiência cristã, é considerada dinâmica e restauradora na vida humana. A doutrina do batismo dos crentes reforça

"Se nossos evangelistas fossem nossos teólogos, e se nossos teólogos fossem nossos evangelistas, estaríamos mais perto da Igreja ideal."

esse ponto, como também é o caso da doutrina e da obra do Espírito Santo.

Lutero asseverava que a fé é "algo vivo, criador, ativo e poderoso." Ele achava que a fé "sempre está em atividade" e disse que não é mais possível separar da fé as obras da lei, do que separar a luz e o calor de uma chama. Para ele, cada uma delas, como parte da doutrina da salvação, constitui um só ato de Deus. "Se alguém está em Cristo, é nova criatura: as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas." II Cor. 5:17. O Espírito Santo é o agente exclusivo dos atos da salvação. Ele torna o crente "um novo rebento procedente da videira de Cristo", "uma nova criatura, com diferente espírito, coração e pensamento". O homem passa a ser "um só corpo" com Cristo.¹¹

Na virada do século, quando a Igreja estava sendo dilacerada pelos liberais e conservadores, um clérigo disse o seguinte: "Se nossos evangelistas fossem nossos teólogos, e se nossos teólogos fossem nossos evangelistas, estaríamos mais perto da Igreja ideal." Em João Wesley havia uma rara mescla de evangelista, teólogo, educador e administrador de igreja. Estais lembrados da experiência de Wesley numa pequena congregação de Londres. O prelecionador chegou a este ponto no prefácio de Lutero à Epístola aos Romanos: "Fé é uma obra divina em nós, que nos transforma e nos torna recém-nascidos de Deus; mata o velho Adão, e nos faz completamente diferentes de coração, disposição, espírito e todo poder, trazendo o Espírito Santo consigo. Oh! a fé é algo vivo, criador, ativo e poderoso, de modo que é impossível que ela não pratique continuamente boas obras. Nem sequer pergunte se as boas obras devem ser praticadas; mas, antes que alguém pergunte, ela já as praticou, e sempre está agindo."

João Wesley sentiu o coração aquecer-se de maneira incomum. Ele foi dominado por um novo poder. Sentiu que agora realmente confiava em Cristo, e esperava unicamente pela Sua salvação. Disse Wesley: "Foi-me dada a certeza de que Ele tirou os meus pecados — sim, *os meus* — e *me* livrou da lei do pecado e da morte."¹²

Esta foi a experiência da conversão de Wesley. A teoria tornou-se um fato real; a expectativa encontrou o seu cumprimento; o desejo transformou-se em fruição. E a resposta à pregação de João Wesley, tanto por parte de pas-

tores como de mineiros, encontrou eco nesta exclamação:

"Tal qual estou, eis-me, Senhor,
Pois o Teu sangue remidor
Verteste pelo pecador;
Ó Salvador, me achego a Ti!"

O pensamento da Reforma sobre a união com Cristo foi belamente enunciado nesta palavras: "Ao nos sujeitarmos a Cristo, nosso coração se une ao Seu, nossa vontade imerge em Sua vontade, nosso espírito torna-se um com Seu espírito, nossos pensamentos serão levados cativos a Ele; vivemos Sua vida. Isto é o que significa estar trajado com as vestes de Sua justiça."¹³

O "Unicamente Cristo" da Eclesiologia

Os reformadores protestantes admitiam que havia duas características da verdadeira Igreja visível — o evangelho pregado corretamente e os sacramentos bem administrados. Mas firmaram ambas essas coisas nos princípios de "unicamente Cristo".

O homem constitui um indivíduo diante de Deus; mas, como membro do corpo de Cristo, ele também constitui um membro do povo do concerto. Estes dois conceitos precisam conservar-se unidos.

Toologicamente, a Igreja cristã foi fundada em Cesaréia de Filipe, quando Pedro confessou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo", e Cristo declarou: "Sobre esta pedra edificarei a Minha igreja." S. Mat. 16:16 e 18. Os reformadores faziam menção de Cristo e da confissão de Pedro a respeito de Cristo como a rocha da Igreja. E a história da igreja cristã atesta o fato de que seu êxito ou fracasso está em proporção direta com sua confissão de Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Aos olhos dos reformadores, a Igreja tornou-se o anticristo por deixar de confessar a Cristo.

A Igreja vive hoje em dia numa época semelhante ao período anterior a Constantino — um mundo pagão. Atualmente, a sexta parte da população mundial é maometana. Nalgumas nações em que cristãos e maometanos competem pela lealdade do povo, os maometanos superam os cristãos na proporção de 10 para 1.

Com 60 milhões de habitantes, a Nigéria tem a maior população de todos os países da África; pouco menos da metade dos nigerianos são maometanos, e um pouco mais de um terço são cristãos. A maior parte dos restantes seguem diversas religiões locais.

O *Reader's Digest and Information*

A alma anelante e faminta suplica de modo plangente, como Maria Madalena no passado: "Tiraram ... o Senhor e não sabemos onde O puseram." S. João 20:2.

Please Almanacs para 1978 apresentou as estimativas do total de adeptos das religiões mundiais em 1976. De acordo com essa fonte, os cristãos eram em número de 1 bilhão; os maometanos, 700 milhões; os hindus, 520 milhões; os confucionistas, 275 milhões; e os budistas, 260 milhões. O Dr. Ralph Winter, do Seminário Fuller, Pasadena, relatou no *Church Growth Bulletin*, em maio de 1977, que 3 bilhões de pessoas no mundo são membros de grupos sócio-culturais em que não há um só cristão praticante.

Hoje em dia o cristianismo está envolvido em toda parte num duplo confronto — com as grandes religiões mundiais, por um lado; e, por outro lado, com o humanismo secular. O denominado mundo cristão parece ter perdido sua realidade cristã. A teologia, os concílios de igreja e as organizações eclesiais têm-se empenhado em exóticas tolices, com o resultado de que sua alma cristã se acha enferma. A alma anelante e faminta suplica de modo plangente, como Maria Madalena no passado: "Tiraram ... o Senhor e não sabemos onde O puseram." S. João 20:2.

A história do pensamento cristão e das tendências religiosas modernas demonstra vívida e convincentemente como Cristo tem sido sepultado sob o dogmatismo, liberalismo, institucionalismo, tendências, questões e sistemas religiosos.

No entanto, sempre tem havido um remanescente. A pergunta que permanece é a seguinte: Como pode o remanescente cumprir sua missão num mundo pagão? Só há uma resposta: O remanescente da atualidade precisa cumprir sua missão como o fez a Igreja primitiva. Essa Igreja tinha a mensagem das poderosas obras de Jesus Cristo. Os cristãos primitivos impressionavam-se com o próprio Jesus. O poder do cristianismo primitivo era conferido diretamente pela Pessoa de Cristo. Sua proclamação era a da singularidade da salvação da Pessoa de Jesus Cristo, o qual disse: "Atrairei todos a Mim mesmo." S. João 12:32. Ele mesmo era o cristianismo e o evangelho. Os gregos disseram: "Senhor, queremos ver a Jesus." Verso 21. "Alegram-se, portanto, os discípulos ao verem o Senhor." S. João 20:20. Os cristãos primitivos estavam convencidos, tinham certeza, e não nutriam dúvida alguma, porque tinham a Cristo e sabiam o que Ele fizera por eles. Conheciam a experiência da salvação na Pessoa de Jesus Cristo.

João formulou sua experiência em palavras oriundas de uma significativa luta teológica com o gnosticismo e o docetismo, perto do fim do primeiro século. "Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, O faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do Seu Filho. . . . Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida." I S. João 5:10-12.

Termino apresentando a bênção do "unicamente Cristo" de Efésios 3:20 e 21: "Ora, Àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos, ou pensamos, confor-

"Aquele que crê no Filho de Deus tem em si o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus, O faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do Seu Filho."

me o Seu poder que opera em nós, a Ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém." ■

Bibliografia

1. *Luther's Works*, págs. 238, 254, 313 e 314.
2. *Idem*, págs. 235 e 236.
3. *Idem*, pág. 368.
4. *Testemunhos para Ministros*, págs. 421 e 422.
5. Jan D. Kingston Siggins, *Martin Luther's Doctrine of Christ*, pág. 109.
6. *Ibidem*.
7. W. M. Landeen, *Martin Luther's Religious Thought*, págs. 141 e 142.
8. *D. Martin Luther's Werke*, 47, págs. 154 e 777.
9. *Institutes*, III, 16.1.
10. *Comm. Malachi*, cap. 3, v. 17.
11. *D. Martin Luther's Werke*, 45, pág. 667; 28, pág. 187.
12. Martin Schmidt, *John Wesley*, vol. 1, pág. 263.
13. *Parábolas de Jesus*, pág. 312.

O que Crêem os Adventistas Sobre a "Parusia"

Uma série de debates tem surgido em torno da palavra "parusia", usada 24 vezes no Novo Testamento: 14 nas epístolas paulinas, quatro em Mateus, duas em Tiago, três em II Pedro e uma em I João. Afinal, qual é o significado dessa palavra?

A suprema esperança de todos os cristãos, através dos séculos, tem sido o cumprimento da promessa de Cristo de regressar a este mundo para pôr fim ao domínio de Satanás. Esta esperança se encontra alicerçada nas infalíveis promessas encontradas nas Escrituras Sagradas.

"Uma das verdades mais solenes, e não obstante mais gloriosas, reveladas na Escritura Sagrada, é a da Segunda vinda de Cristo, para completar a grande obra da redenção. . . .

"A doutrina do segundo advento é verdadeiramente, a nota tônica das Sagradas Escrituras."⁽¹⁾

Apesar das irrefutáveis provas bíblicas, que apresentam a maneira da Sua segunda vinda, interpretações errôneas têm surgido para explicar este evento glorioso.

Uma série de debates tem surgido em torno da palavra grega "parusia". Diante desta realidade, é necessário estudá-la e compará-la com outras palavras usadas na Bíblia, para designar a "Vinda de Cristo", a fim de com-

Pedro Apolinário
Professor de
Português e
Crítica Textual
no Instituto
Adventista
de Ensino,
São Paulo.

preender melhor o assunto.

A Bíblia nos apresenta insofismáveis provas de como será o regresso de Cristo à Terra. Atos 1:10-11; 3:20-21; Fil. 3:20; Tito 2:13; Heb. 9:27.

Termos Usados Para o Regresso de Cristo

A volta de Cristo é chamada com muita propriedade de "Segunda Vinda", mas nas Escrituras várias palavras são usadas para designar este acontecimento, sendo as principais estas:

1ª) *Apocalipsis*.

É uma transliteração da palavra grega, cuja tradução seria revelação de algo que não se vê.

O Novo Dicionário da Bíblia, referindo-se a esta palavra afirma:

"Sua volta será também um apocalipsis, um desvendamento ou descoberta, quando o poder e a glória, que agora já Lhe pertencem, em virtude de Sua exaltação e presença celestial (Fil. 2:9; Efé. 1:20-23; Heb. 1:3; 2:9), serão desvendados diante do mundo (I S. Ped. 1:13)."⁽²⁾

2ª) *Epiphania*

Esta palavra designava no grego clássico o aparecimento de uma divindade que se encontrava escondida.

Este vocábulo traduzido em português por aparição ou manifestação, re-

fere-se à vinda de Cristo, como se Ele saísse de um lugar escondido, para nos trazer as ricas bênçãos da salvação. (II Tess. 2:8; I Tim. 6:14; Tito 2:13).

3ª) *Faneroo*

O excelente dicionário de Arndt and Gingrich traduz este verbo assim:

a) Revelar, fazer conhecido, mostrar: I Cor. 4:5; Tito 1:3.

b) Tornar visível ou conhecido, ser revelado: S. Mar. 4:22; S. João 3:21; Rom. 16:26; Efés. 5:13.

c) Aparecer, revelar-se. Aparece em quatro passagens com referência à segunda vinda de Cristo: Col. 3:4; I S. Pedro 5:4; I S. João 2:28; 3:2.

4ª) *Parusia*

Das quatro apresentadas é a mais conhecida e mais importante para descrever a segunda vinda de Cristo, por isso requer de nós um estudo mais minudente.

Que é "Parusia"?

Palavra grega proveniente do verbo grego "pareimi" que significa estar presente.

A palavra "parusia" é usada 24 vezes no Novo Testamento. Catorze vezes nas Epístolas Paulinas, quatro em Mateus, duas em Tiago, três em II Pedro e uma em I João.

Todos os comentaristas e dicionaristas são unânimes em afirmar que o termo grego significa, presença, chegada, vinda, volta e que é usado duas vezes para presença (II Cor. 10:10; Fil. 2:12) e 22 vezes para a vinda de Cristo (S. Mat. 24:3, 27, 37; I Cor. 1:8, etc., etc.)

O alentado "Dicionário do Novo Testamento" de Tayer ao estudar a palavra "parusia" afirma:

"No Novo Testamento acha-se, especialmente, relacionada com o Advento, isto é, a futura volta *visível de Jesus*, procedente do Céu, o Messias, que virá para ressuscitar os mortos, decidir o último julgamento e estabelecer de maneira aparente e gloriosa, o Reino de Deus."

Apesar desta uniformidade, quanto à sua significação, idéias antibíblicas têm surgido em sua interpretação. Dentre estas as duas mais conhecidas são:

I — A dos Dispensacionalistas ou do Arrebatamento Secreto.

Suas idéias sobre a segunda vinda de Cristo são pregadas insistentemente e aceitas por bom número de pessoas.

Crêem numa futura dupla vinda de Cristo separada por um período de sete anos.

Apesar das irrefutáveis provas bíblicas, que apresentam a maneira da Sua segunda vinda, interpretações errôneas têm surgido para explicar este evento glorioso.

Afirmam:

"A primeira destas é a parusia ou simplesmente 'a vinda' quando se dará o rapto dos santos, também chamado rapto secreto."⁽³⁾

Esta vinda será secreta e apenas conhecida pelo desaparecimento dos eleitos. Ensinam ainda, que neste evento Cristo não descerá à Terra, mas permanecerá nas alturas sem ser visto pelos homens. Este acontecimento denomina-se a "vinda para Seus santos", I Tess. 4:15-16, e será seguido por um intervalo de sete anos. Durante este período sucederão algumas coisas, assim descritas por eles:

"... Esta será seguida de um intervalo de sete anos, durante os quais o mundo será evangelizado, S. Mat. 24:24; Israel convertido, Rom. 11:26; a grande tribulação ocorrerá, S. Mat. 24:21-22, e o anticristo ou o homem de pecado será revelado, II Tess. 2:8-10."⁽⁴⁾

Esta doutrina não é autorizada pelas Sagradas Escrituras, porque contém uma série de implicações sem apoio bíblico.

Por exemplo:

A Bíblia nos afirma que a segunda vinda de Cristo será um só evento. Será visível como nos confirmam Atos 1:11; Heb. 9:27; Apoc. 1:7.

II — A das "Testemunhas de Jeová".

Defendem com bastante insistência o esdrúxulo ensino de que Cristo já voltou à Terra.

Esta heresia teve origem com Carlos Russell, fundador do movimento.

Seu ensino tem sofrido algumas mudanças, visando harmonizar datas díspares.

Carlos Russell dizia que Cristo tinha vindo no ano de 1874. Seus seguidores afirmam hoje que esta vinda de Cristo se deu em 1914, e para contornarem esta discrepância dão a seguinte explicação:

Com a segunda presença de Cristo em 1874 se iniciou a idade evangélica, que durou por um período de 40 anos, isto é, até 1914.

Ensinam as Testemunhas de Jeová que Cristo já está aqui e que Sua vinda se processou de forma invisível e que só pode ser vista pelos olhos espirituais.

Em que passagens se baseiam para negarem a segunda vinda de nosso Salvador de forma visível e corpórea e defenderem a presença invisível de Cristo? Evidentemente, em nenhum texto bíblico se encontra esta idéia, que foi arquitetada, em 1871, na mente do fundador da seita — Russell.

Estabeleceram suas conclusões ba-

seadas em premissas falsas, isto é, interpretando mal S. Mat. 23:29 e S. João 14:19.

Afirmam em *Make Sure of All Things*, pág. 321: "O retorno de Cristo será invisível, porque Ele testificou que o homem não poderia vê-lo, outra vez, em forma humana."

As afirmativas de Cristo não servem de fundamento para a suas excêntricas conclusões, porque violaram dois princípios fundamentais da hermenêutica:

1º) Ao fazer a exegese da Bíblia, o intérprete deve ter em vista o contexto.

2º) Esqueceram-se da Regra Áurea da Interpretação, chamada por Orígenes de Analogia da Fé. O texto deve ser interpretado através do conjunto das Escrituras e nunca através de passagens isoladas.

O principal problema relacionado com vinda visível ou invisível é uma conseqüência da tradução da palavra grega "parusia", que deveria ser traduzida, como já vimos, apenas duas vezes por presença, mas eles sempre a traduzem desta maneira. Para atingirem seus objetivos fizeram sua própria tradução da Bíblia, a chamada Novo Mundo.

"Parusia" pode, conforme o contexto, ser traduzida por presença, mas na maioria dos casos traduzi-la assim, seria uma violação no sentido — S. Mat. 24: 3, 27, 37, 39; I Cor. 15:23.

O ensino russelita apresenta algumas contradições como as seguintes:

1º) A Bíblia ensina que com a vinda de Cristo terminariam os males da humanidade. Como explicar que milhões de pessoas morreram, desde esse ano, por meio de guerras, terremotos e pestilências?

2º) É humanamente impossível harmonizar que Cristo tenha vindo em 1914, com Suas próprias palavras em S. Mat. 24:30, 36.

3º) Se com a presença de Cristo os males aumentaram, as Testemunhas de Jeová precisavam confessar que Cristo não é um bom governante. A Bíblia ensina exatamente o contrário.

4º) Os perversos serão destruídos com a Sua vinda. II Tess. 2:8.

Foram eles destruídos em 1874 ou em 1914?

5º) Cristo ensinou que a ceia deveria ser comemorada até que Ele voltasse. II Cor. 11:26. Se Ele já voltou as Testemunhas de Jeová não deveriam mais comemorá-la.

Para uma boa compreensão da segunda vinda de Cristo, é mister saber, o que a Bíblia de maneira clara e precisa nos ensina.

O principal problema relacionado com a vinda visível ou invisível é uma conseqüência da tradução da palavra grega "parusia", que deveria ser traduzida, como já vimos, apenas duas vezes por presença, mas eles sempre traduzem desta maneira.

A maioria dos cristãos, inclusive os adventistas, crêem no tocante à Segunda Vinda de Cristo, apenas na veracidade do Testemunho Bíblico. Várias passagens nos esclarecem como será este glorioso acontecimento, base da acalentada esperança cristã.

Henry H. Halley disse:

"É melhor não dogmatizar acerca de certos eventos relacionados com Sua Segunda Vinda. Porém, se a linguagem é um veículo do pensamento, certamente se requer muita explicação e interpretação para retirar das palavras de Jesus algo que não signifique o que Ele conceituava sobre Sua Segunda Vinda, apresentada como um evento histórico, bem definido, no qual, Ele, pessoal e literalmente (embora não em Seu corpo de carne, senão em Seu corpo glorificado) aparecerá para reunir a Si mesmo em eterna glória aqueles que foram redimidos por Seu sangue." (5)

O ensino da Bíblia, quando à maneira da vinda de Cristo, poderia ser sintetizado nos seguintes tópicos:

1º) Será um regresso físico.

Que o regresso de nosso Senhor será físico, deduz-se claramente de passagens bíblicas, tais como: Atos 1:11; Heb. 9:27 e Apoc. 1:7.

Jesus voltará à Terra em corpo, não no corpo corrompido pela degradação ocasionada pelo pecado, mas no corpo renovado e glorioso. Jesus estava deixando os discípulos em pessoa e assim mesmo, em pessoa, promete voltar.

2º) Será uma vinda repentina.

A Bíblia nos ensina que esta vinda será repentina, inesperada, tomando a muitos de surpresa. S. Mat. 24:37-44; 25:1-12; S. Mar. 13:33-37; I Tess. 5:2, 3; Apoc. 3:3; 16:15.

Embora haja muitos sinais, estes não nos autorizam a marcar ano, mês ou dia para este evento. Os sinais são advertências para nossa preparação, porque não sabemos o dia nem a hora em que Cristo deve voltar.

3º) Será uma vinda gloriosa.

Sua segunda vinda, embora pessoal, física e visível, será bem diferente da primeira. Não virá no corpo de Sua humilhação, mas no corpo glorificado e com vestes reais. Virá como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

4º) Sua vinda será universalmente visível e até audível. S. Mat. 24:26-31; Apoc. 1:7.

Conclusões

Depois de estudar como será a Segunda Vinda de Cristo, conforme a Bíblia, concluímos:

A idéia Dispensacionista, embora bem arquitetada por seus defensores, baseia-se em argumentos humanos. A autoridade suprema em assuntos religiosos — a Bíblia — não os aprova, portanto não podem ser aceitos.

As idéias russelitas partem de várias premissas falsas à luz da Bíblia, começando pela tradução errada da palavra grega "parusia". Sendo a Bíblia a norma do pesquisador sincero, conclusões que ela não aprova devem ser colocadas de lado.

Apesar de exuberante luz encontradas nas Escrituras Sagradas, há grupos, como os dois já citados, e pessoas isoladas que não aceitam os seus ensinamentos sobre a maneira da Segunda Vinda de Cristo. Quão terrível será para estes o glorioso aparecimento nos ares de Cristo em Sua glória, na glória de Seu Pai e na glória de miríades de santos anjos! Tétricas são as palavras bíblicas que descrevem a sua angústia. Apoc. 6:15-17.

As palavras de Jesus em S. Mat. 24:23 seriam excelente advertência aos que divergem de um assim diz o Senhor, para não acreditarem em ensinamentos não alicerçados nas Escrituras Sagradas.

Dia glorioso e feliz para os remidos justos e para os que morreram com a fé e a esperança posta em Jesus Cristo.

As palavras de Jesus em S. Mat. 24:23 seriam excelente advertência aos que divergem de um assim diz o Senhor, para não acreditarem em ensinamentos não alicerçados nas Escrituras Sagradas.

Demos graças a Deus, prezado leitor, pela segura palavra inspirada, que nos científica de que a Segunda Vinda de Cristo será visível fisicamente e que todos terão a sublime oportunidade de vê-Lo em glória e majestade. A Bíblia confirma: Todo o olho O verá. Eu almejo vê-Lo. Não aspira você a idêntico privilégio? ■

Referências

1. *O Conflito dos Séculos*, Ellen G. White, pág. 323.
2. *Novo Dicionário da Bíblia*, pág. 512.
3. *Teologia Sistemática*, L. Berkhof, pág. 832.
4. *Idem*, pág. 833.
5. *Idem*, pág. 935.

Em que Sentido a Teologia da Libertação Caiu em Erro?

A "teologia da libertação" não é apenas uma moda passageira como a "morte de Deus". Tendo-se originado no Terceiro Mundo, ela constitui uma séria tentativa para dar uma nova olhada à tradicional teologia ocidental e rejeitar tradições e credências relacionadas com igrejas de classe média no Ocidente capitalista.

Naturalmente, há muitas diferenças de opinião entre os teólogos da libertação, alguns dos quais são católicos romanos, e outros, protestantes. Alguns têm elevado conceito das Escrituras, outros não. Alguns atuam dentro da igreja, outros a repudiam. É difícil, portanto, falar em termos gerais a respeito deles; mas temos de assumir esse risco se quisermos efetuar uma exposição simples de seu consenso ou pensamento concêntrico.

O que segue é uma lista de declarações simplificadas que de *modo geral*, mas não na totalidade, refletem o caráter da teologia da libertação e uma

W. Dayton Roberts
Vice-presidente da Missão da América Latina

reação evangélica contra ela.

1. A maioria das teologias começam a "teologizar" com base nalgumas suposições acerca do conhecimento, da revelação, da existência de Deus ou da experiência cristã. A teologia da libertação insiste que toda teologização precisa começar com uma entrega à libertação dos oprimidos — um ponto de partida referente à *prática*, e não à teoria.

2. Se a luta pela libertação é o ponto de partida, é importante compreender sua história, seus antecedentes e suas inferências. A História torna-se deste modo a maneira de Deus falar-nos em situações contemporâneas, e os historiadores, sociólogos e economistas se tornam os nossos profetas.

3. É impossível teologizar fora do contexto. Os teólogos sempre impõem seu próprio contexto a suas análises e à expressão de seus pensamentos. Isto é inevitável. Os teólogos ocidentais têm inconscientemente feito teologia no

contexto de seu próprio *status quo* capitalista. De modo geral, eles têm sido insensíveis, portanto, às forças que oprimem, alienam, desumanizam e marginalizam a todos, menos aos poucos felizardos. Uma teologia para as massas não pode desenvolver-se em semelhante contexto — ela requer dedicação prévia à libertação dos oprimidos.

4. A teologia da libertação reafirma a visão holística do homem, chamando nossa atenção para a tendência da teologia ocidental (retornando a suas origens greco-filosóficas) de dicotomizar tudo. A moda helenística, nossa lógica tem sido escravizada pela tese e antítese, pela teoria e prática, por conceitos do espírito contra a matéria, da alma contra o corpo, e assim por diante.

O dualismo dos antigos filósofos gregos, naturalmente, tem deturpado nossa interpretação das Escrituras. Temos inferido comumente que as expressões bíblicas ou são “espirituais” ou “físicas” em sua aplicação, mas, via de regra, não ambas as coisas. Esta é, porém, a maneira grega, e não hebraica, de encarar as questões. Uma vez que compreendamos este fato, é fácil de ver como os teólogos da libertação têm conseguido acrescentar importantes dimensões à exegese de tais conceitos bíblicos como justiça, paz, reino, pobreza, etc.

Obviamente, breves asserções como estas não podem descrever a teologia da libertação de modo adequado. Mas podem ajudar a demonstrar que ela constitui uma escola de pensamento que tanto encerra valores positivos como riscos perigosos para os que a abraçarem sem meticolosa análise. Há alguns aspectos de seus ensinamentos em que os cristãos evangélicos inevitavelmente se sentem muito contrafeitos, e outros que podem ser considerados heréticos. Por outro lado, muitas de suas idéias dão positivo realce ao evangelho.

5. Para os teólogos da libertação, a História é o incontestável cenário da teologia. Mas é a história humana, não a revelação divina, que faz pender o prato da balança. Ouvimos Deus falar-nos principalmente por meio de ocorrências humanas contemporâneas. A dinâmica social é melhor compreendida pela aplicação de princípios marxistas. O futuro do homem está em suas próprias mãos. A prática da libertação é o âmago da salvação. Esta é a índole da historiologia da libertação.

Essa perspectiva parece pôr a História fora de foco. Ela não deve ser

Os teólogos sempre impõem seu próprio contexto a suas análises e à expressão de seus pensamentos. Isto é inevitável.

avaliada sob o aspecto da atividade humana, e, sim, dos atos de Deus. É muito mais preferível a definição da História feita por Moltmann: “Tudo que acontece entre a promessa de Deus e seu cumprimento.” O propósito de Deus é a vara de medir!

6. O lugar positivo do sofrimento, do martírio e da “cruz” na experiência cristã é passado por alto ou subestimado. O sofrimento passivo ou injusto não se adapta ao projeto de libertação das coisas, exceto, talvez, ao idolatrar um herói da causa, como Camilo Torres ou Che Guevara. A bem-aventurança dos injuriados e perseguidos transforma-se, em vez disso, no grito de combate da libertação. Não é um sistema de ética, mas uma Causa.

Moisés teve de aprender de maneira penosa quão errônea é essa perspectiva. Seus motivos eram bons quando ele procurou vencer a inércia da libertação matando o egípcio; mas os escravos israelitas ainda tiveram à sua frente mais 40 anos de injusta tortura e escravização. A opressão e a tirania — assim como a doença e o sofrimento — podem fazer parte do plano disciplinar de Deus para o Seu povo. Isto não diminui a impiedade da injustiça social, nem a aprova. Simplesmente reconhece que até a volta de Cristo, o joio e o trigo crescem juntos e que a salvação precisa ser avaliada em termos mais duradouros e holísticos do que meramente os da libertação sócio-econômica.

7. Na maioria das expressões da teologia da libertação a presença ativa do Espírito Santo não é reconhecida — nem o sobrenatural. A devoção pessoal, o misticismo, as disciplinas de piedade, oração e meditação também estão sujeitas ao ataque da teologia da libertação.

8. Outra coisa que faz com que os evangélicos se sintam contrafeitos é a tendência entre os teólogos da libertação de desprezarem, negligenciarem ou marginalizarem a Igreja.

É verdade que alguns teólogos da libertação mais voltados para a Bíblia têm procurado manter a Igreja no quadro. Este esforço, naturalmente, é louvável. Com freqüência, afigura-se, porém, que eles adotam uma posição elitista, chegando mesmo a fazer da igreja a base de sua atividade. Seu interesse parece consistir especialmente em “conscientizar” ou produzir uma percepção dos problemas sócio-econômicos de um povo oprimido que muitas vezes desconhece seu próprio estado de opressão e escravização.

9. Mais desconcertante ainda é o conceito de salvação por parte desse sistema, a qual é definida em termos coletivos, com virtual exclusão da redenção individual. Isto constitui um corretivo necessário a uma compreensão tradicional da salvação que talvez tenha sido demasiado pietista ou egocêntrica. Mas a teologia da libertação parece ter lançado fora o que é essencial junto com o que não é essencial!

A maioria dos liberacionistas, por assim dizer, equiparam a salvação com a libertação sócio-econômica e política. Isto é uma experiência fortemente pelagiana, com um evangelho de "faça-o por si mesmo". A opressão é o ponto de partida, a história humana é o palco e uma raça humana despertada (ou "conscientizada") é a esperança da libertação. Deus está em atividade — dizem eles — na sociedade secular, o que é uma realidade. Mas, na medida em que a salvação é definida em termos de libertação da opressão política e econômica, o "evangelho" se torna universalista. Isto porque a obra de Deus é encarada como estando no mundo, antes que na Igreja, e toda sociedade está lutando pela libertação (isto é, "salvação").

Os evangélicos têm boas razões para olhar com suspeita essa espécie de soteriologia, pois constitui uma reversão direta aos "modernistas" e "evangélicos sociais" da geração passada. Minha o encontro pessoal com Jesus Cristo e a "justificação pela fé", que sempre constituíram os acalentados característicos da doutrina evangélica.

De capital importância nas deturpações mencionadas mais acima é a opinião dos teólogos da libertação sobre a Bíblia. Em termos gerais, ela não é muito diferente do que se espera de teólogos católico-romanos ou protestantes liberais.

Hugo Assman é um liberacionista mais radical do que a maioria, mas continua sendo um de seus respeitados porta-vozes, e um dirigente com o qual a escola da teologia de libertação está identificada publicamente. Esta é a sua atitude: "A palavra de Deus não é mais algo absoluto e fixo, uma proposição eterna que aceitamos antes de analisar os conflitos sociais e antes de dedicar-nos à transformação da realidade histórica. Os apelos de Deus a nós, a palavra de Deus hoje em dia, promanam do processo coletivo da percepção, análise e envolvimento históricos, isto é, da prática. A Bíblia e toda a tradição cristã não falam diretamente a nós em nossa situação. Mas continuam

O dualismo dos antigos filósofos gregos, naturalmente, tem deturpado nossa interpretação das Escrituras.

sendo uma indicação básica de como Deus falou num contexto bem diferente, o que deve elucidar Sua fala em nosso contexto.

"É verdade que esta espécie de hermenêutica histórica pode destruir a falsa segurança de que a palavra de Deus foi dada uma vez por todas e o absoluto da palavra de Deus em si. A palavra não existe para nós neste sentido." — Torres & Eagleson, *Theology in América*, Orbis, 1975, pág. 299.

Retornamos assim ao nosso ponto de partida. Começamos com a prática da opressão ou com a revelação divina? Os liberacionistas dizem que só podemos começar a interpretar a Palavra de Deus depois que nos situarmos em nosso contexto escolhido — porque a natureza de nosso contexto determinará como interpretaremos a Palavra! Precisamos resolver, antes de tudo, identificar-nos com a luta dos oprimidos. Então, e só então, poderemos "teologizar".

Os evangélicos respondem que o contexto, embora seja importante, é um acidente: Deus fala ao homem no Egito de Moisés, no Israel de Davi, na Nínive de Jonas, na Pérsia de Daniel, na Roma de Nero, nos Estados Unidos de Carter e na Nicarágua de Somoza. O contexto é extremamente importante e não pode ser passado por alto. Mas também não pode tornar-se um *a priori* para a revelação de Deus, a qual se destina a todos os homens em toda parte. Precisamos dar um contexto a nossa teologia, mas não permitir que o contexto usurpe a autoridade ou universalidade da própria Palavra de Deus.

11. Finalmente, não nos contentamos de maneira alguma com a compreensão dos liberacionistas sobre a pessoa e o ministério de Jesus Cristo. De algum modo, Ele é visto em dimensões messiânicas, mas não é glorificado como o Messias. Os relatos dos Evangelhos são às vezes alongados até o ponto de retratarem a Jesus como revolucionário político e alguém que tolera a violência (o incidente da purificação do Templo) quando usados contra a injustiça. Grande parte de Seus ensinamentos é desprezada, bem como a cristologia das Epístolas Paulinas. A imagem do herói da teologia da libertação parece adaptar-se mais a Judas Macabeus do que a Jesus de Nazaré.

A questão decisiva, portanto, acerca da teologia da libertação é a seguinte: Pode-se aceitar alguns de seus conceitos e evidentes contribuições sem engolir todo o conjunto, com seus refle-

xos humanísticos, pelagianos, universalistas e radicais? Nossa resposta é: Talvez, mas...!

Na realidade, pode-se aceitar os seus valores enquanto se rejeita as suas heresias. Naturalmente, isto é arriscado, mas o risco tem sido sempre a sombra aderente à teologia. E há demasiado valor na teologia da libertação para lançá-la completamente fora.

Os evangélicos devem ser, porém, seletivos ao batearem o ouro. Precisam insistir na autoridade normativa e decisiva da Palavra de Deus. Pois, em última análise, os dois sistemas — li-

Os evangélicos não podem admitir que um a priori tenha primazia sobre a Palavra de Deus.

beracionismo e evangelicalismo — realmente não são compatíveis. Os evangélicos não podem admitir que um a priori tenha primazia sobre a Palavra de Deus. Isto inevitavelmente deturpará ou dividirá a verdade. Nossa primeira lealdade sempre deve ser a Jesus Cristo e ao evangelho. A sociologia, a economia e a ciência política podem muito bem ser auxiliares do evangelho, mas esta relação não pode ser invertida.

É neste sentido que os teólogos da libertação se afastaram do caminho certo! — *Christianity Today*. ❧

Pastorados de Curta Duração

Falando de modo geral, os ministros se mudam com demasiada freqüência. Recentemente, a Igreja Luterana Americana, uma denominação de aproximadamente 3 milhões de membros e 4.200 pastores em atividade, teve 1.200 mudanças de endereços entre seus clérigos e 950 autênticas mudanças de posição num só ano! Mais de 20 por cento de seus profissionais de tempo integral se mudaram durante esse ano. Nalgumas denominações, os ministros se mudam ou são transferidos com mais freqüência ainda. Muitos pastores que conheço se mudam de dois em dois ou de três em três anos. As pesquisas reforçam a conclusão de que os pastorados de curta duração exercem um efeito negativo sobre as congregações.

Em seu relatório para a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana Unida, em 1976, a Comissão Especial de Tendências Entre os Membros de Igreja declarou o seguinte: "As congregações que crescem ... se caracterizam por mais forte liderança pastoral." "A igreja ... precisa reconhecer adequadamente que a forte competência pastoral é um fator decisivo para a vitalidade e o desenvolvimento de uma congregação."² Lyle Schaller menciona que "dezenas de pesquisas têm demonstrado que as congregações de rápido crescimento tendem a ser igrejas com pastorados de longa duração, e as congregações estáveis ou em declínio propendem a ter pastorados de curta duração."³

Dr. Arnold Kurtz
Professor de Liderança e Administração de Igreja no Seminário Teológico da Universidade Andrews

Diversos fatores estão envolvidos no impacto negativo sobre o crescimento das igrejas, dos pastorados de curta duração:

Primeiro: há evidências convincentes de que os anos mais produtivos de um pastorado raramente *começam* antes do quarto, quinto ou mesmo sexto ano da permanência de um ministro em determinada congregação. Naturalmente, há exceções a esta generalização, mas é provável que são muito raras. O período de "arrancada" num novo pastorado é considerado agora como abrangendo *doze a dezoito meses*; por conseguinte, muitos ministros se mudam antes que tenha ocorrido a transição do período de "arrancada" para o período de significativa produtividade. Os pastores que se mudam muito cedo, talvez chegando à conclusão de que sua obra está terminada, quando na realidade apenas está começando, são grandemente prejudicados

Além disso, os pastorados de curta duração contribuem para a passividade nas congregações. A maioria das congregações com pastorados de curta duração saúdam o novo pastor de modo passivo: "Outro pastor, outro programa" ou "Ele precisará do primeiro ano para acomodar-se, portanto não embalemos a embarcação". Essa passividade é deveras perceptível em igrejas que serviram de campo de prova para ministros principiantes.

As igrejas que têm tido um novo pastor pelo menos de três em três

Obra Pastoral

anos, não somente saúdam o recém-chegado com uma atitude passiva, mas incidem em maior passividade ainda no terceiro ano, pois todos sabem que o pastor logo se mudará para outra localidade, a fim de "assumir maiores responsabilidades". Os pastorados de curta duração também aumentam a passividade de alguns membros que passarão de primeiro ano do mandato do novo ministro lamentando a partida de seu predecessor e decidindo se valerá a pena estabelecer laços de amizade com o novo ministro.

Talvez o motivo mais importante de ser prejudicado o crescimento da igreja pela freqüente mudança de pastores tenha que ver com o crescente valor que hoje é dado às relações pessoais. Os pastorados de curta duração poderiam ser defendidos se adotássemos um ponto de vista puramente funcional do papel desempenhado pelo pastor. Hoje em dia, porém, os membros têm tanto interesse em saber *quem* é o pastor como o *que* ele faz. Sua satisfação total com sua experiência na igreja está intimamente ligada a sua relação com o pastor e a seus sentimentos para com ele. As igrejas que crescem são entusiastas por sua fé, por sua igreja e por seu pastor. É difícil manter esse entusiasmo se o pastor é transferido de dois em dois anos.

O assunto do mandato pastoral está recebendo especial estudo. Certo grupo de pesquisa definiu o pastorado de longa duração como sendo aquele que dura dez anos ou mais. Isto constituiu uma decisão arbitrária influenciada pela pesquisa de Levinson, a qual revela pontos de transição nos homens a intervalos de dez anos. Levinson também considera a dificuldade de manter um sonho por mais tempo do que seis a oito anos.⁵ Alguns acham que um período de oito anos constitui uma ótima duração para um ministério numa congregação, sendo o mínimo de cinco anos.

Há evidentes benefícios para o ministério e a congregação em pastorados de longa duração. Estes últimos proporcionam um ministério estável num mundo em contínua alteração. Pastorados mais longos são necessários para efetuar modificações significativas e duradouras numa congregação e para concretizar essas modificações.

Seria bom que os ministros pensassem em seu mandato num determinado lugar sob o aspecto de capítulos, e não de anos. Por exemplo, em minha última igreja o primeiro capítulo foi

Há evidentes benefícios para o ministério e a congregação em pastorados de longa duração. Estes últimos proporcionam um ministério estável num mundo em contínua alteração.

completado depois de uns quinze meses, quando todas as famílias haviam sido visitadas e se encerrou um ciclo de ocorrências de um ano de igreja, e passamos para o próximo ciclo com um novo conjunto de oficiais. O segundo capítulo abrangeu a completa remodelação do santuário da igreja e a construção de um centro recreativo — dois itens proeminentes na agenda dessa congregação, quando cheguei lá. O terceiro capítulo, talvez o mais fecundo para crescimento e desenvolvimento, jamais foi escrito devido a minha transferência para o Seminário.

Os pastores e as congregações tiram proveito de mandatos mais longos. Além de evadir-se à tensão da mudança para ele mesmo e sua família, o pastor verifica que pastorados mais longos lhe impõem a contínua necessidade de estudo e crescimento profissional que pode ser evitada no ministério de curta duração. Devido à realidade da inércia humana, a tentação de repetir a rotina de nossa arremetida (e também os sermões) numa congregação após a outra é muito forte e de consequências funestas.

Os pastores e as congregações precisam de tempo para aprender como labutar em meio de tensões e situações adversas. À medida que se avolumam as frustrações e se esgotam nossos recursos para enfrentá-las, é natural que concentremos nossas energias na transferência, e não na solução do que acontece aqui mesmo e agora. É verdade que mudanças periódicas e novas situações têm valor, mas o conceito que estamos salientando neste artigo é a necessidade de que o pastor obtenha contínua capacidade de trabalhar com qualquer congregação por meio de novas compreensões e novas perspectivas. Isto é impossível para o ministro cuja carreira passa rapidamente por uma sucessão de pastorados.

Hoje em dia está havendo crescente compreensão do efeito debilitador de freqüentes mudanças pastorais. Algumas denominações em que as transferências pastorais são efetuadas por repartições denominacionais estão agora limitando consideravelmente essas transferências, em especial de uma associação para a outra. ■

Bibliografia

1. Roy M. Oswald, *The Pastor as Newcomer*, pág. 1.
2. Lyle Schaller, *Assimilating New Members*, pág. 53.
3. *Idem*, pág. 55.
4. Roy M. Oswald, *op. cit.*, pág. 1.
5. Daniel Levinson e outros, *The Seasons of a Man's Life*.